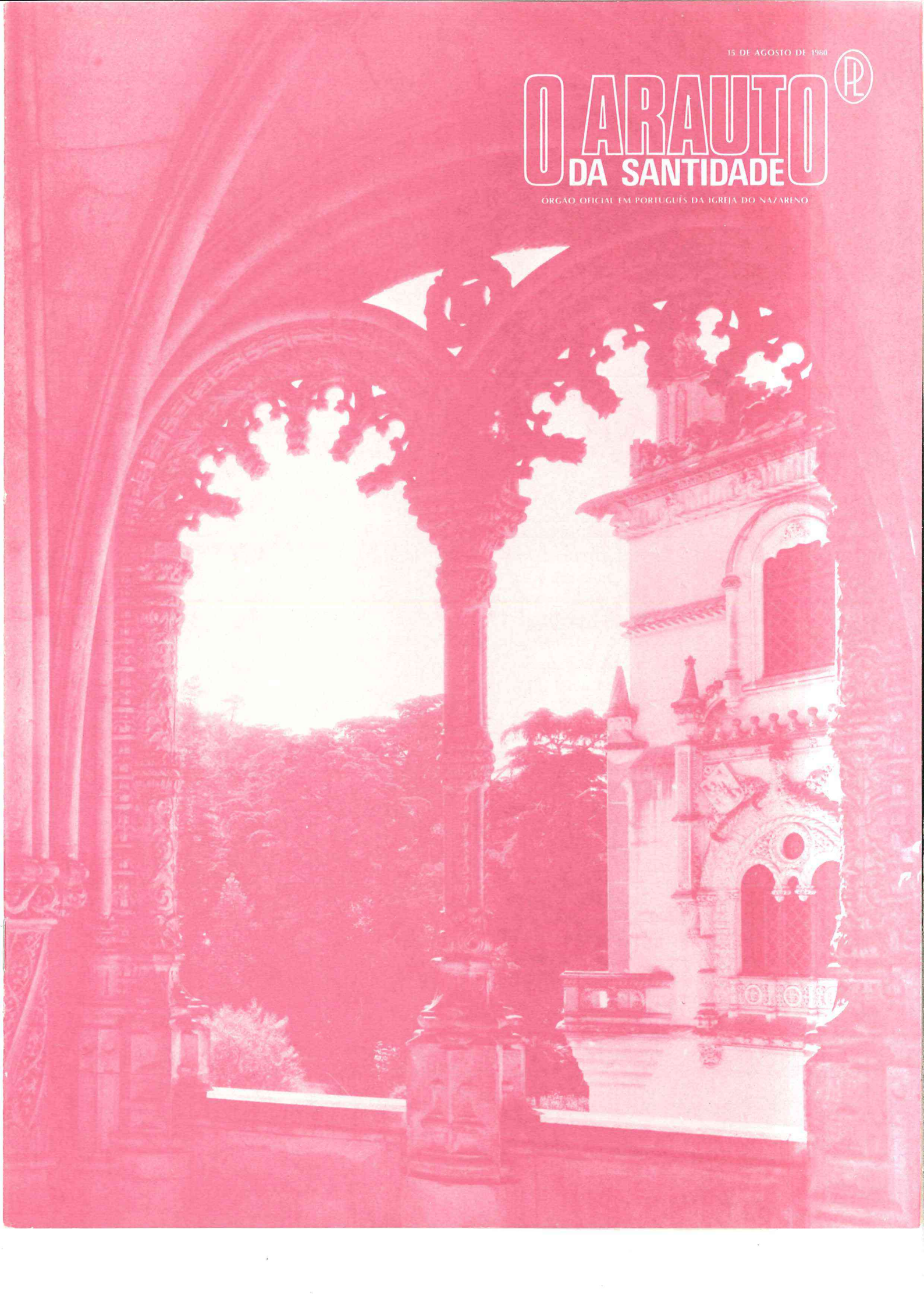
15 DE AGOSTO DE 1980

O ARAUTO DA SANTIDADE

ORGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO



Quem é o Doutor dos Nossos Doutores?

• Houve mais que o elemento compaixão na prioridade secular dada à missionação de povos considerados sub-desenvolvidos, atrasados ou ignorantes. É que a alternativa — a evangelização de massas prósperas, cultas e doutas — atemoriza e provoca certos retraimentos.

Desculpamos a negligência no testemunho a intelectuais com um casual, "Ele (ou ela) tem lá as suas filosofias..." A diferença cultural e um vocabulário mais sofisticado intimidam e cavam abismos que vão isolando da comunidade cristã doutores para os quais ela tem grande contributo a dar e a receber.

Segundo nos conta o médico Lucas, Jesus dedicou a Sua primeira atenção ministerial a intelectuais da época (Lucas 2:40-49). Terminara a celebração religiosa na cidade em que a voz mais forte e respeitada fora sempre a dos doutores. Agora, lavradores, operários e pastores — gente de aglomerados humildes — regressavam à casa, entretidos em conversas banais. Só ao cair da noite deram pela ausência de Jesus. Procuraram-nO "entre parentes e conhecidos": no chamado "grupo homogéneo", círculo para além do qual não se aventuravam normalmente. Nada. Três dias depois, foram descobrí-lO entre doutores.

"Maravilharam-se", diz-nos o Livro. Nada semelhante passara pela imaginação mais fantasiosa do humilde grupo.

Parece-nos estranho ver doutores da lei dando tão largo tempo e atenção a um menino de doze anos. Compreendemos melhor a situação quando analisamos o que se estava passando.

Jesus escutava-os. É ainda importante pararmos para escutar o que dizem os doutores de hoje. Em qualquer fase do seu pronunciamento, detectaremos que a ciência não pode substituir ou sepultar Deus, mas torna mais aguda a crise de encontrá-lO. Descobriremos, também, que o Evangelho não teme o embate da ciência, nem receia a mente que especula tacteando por uma luz. Quando os doutores falam, usam vocabulário polido, mas exprimem necessidades e anseios comuns a todo o ser humano. Assim se referiu a Deus, num poema, o filósofo pessimista Nietzsche:

Eu Te reconheceria, Desconhecido,
Tu que mergulhas fundo na minha alma
e sacodes a minha vida como a tempestade.
Tu, inconcebível, meu Irmão,
eu Te reconheceria e até Te serviria.

Registam-se hoje mais suicídios entre universitários e intelectuais do que no resto da sociedade. É que eles não encontraram no mundo do saber resposta às perguntas vitais da existência. Frustrados e sem outra fonte de esperança, desertam a vida.

Como outrora, o diálogo de Jesus com os doutores continua a causar efeito surpreendente: "admiravam a sua inteligência e respostas".

Há singeleza, mas não ingenuidade nas palavras de Cristo. O intelectual Paulo assombrou-se perante a "profundidade de riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!" (Romanos 11:33).

Jesus tem a revelação suprema para o mundo académico. Ele continua a fugir das rotas tradicionais da nossa timidez, para ministrar aos sábios de hoje, incluindo-os na humanidade pela qual deu a vida. Ele é o Doutor de todos os doutores. □

—Jorge de Barros

UM CAMINHO NO DESERTO

● Os homens consideram a vida de vários modos: uma luta, uma viagem, um enigma, uma corrida. No entanto, sempre existiu um símbolo com aplicação universal — o de uma jornada e um caminho. Desde épocas remotas, em que a humanidade seguia veredas escabrosas e sombrias através de mil perigos, até ao nosso tempo de auto-estradas, o caminho tem desempenhado importância vital. A história processou-se ao longo da epopeia dos caminhos. Por eles têm passado o comércio mundial e os grandes exércitos. Eles tornaram-se verdadeiras artérias de civilização e comunicação. O seu simbolismo é significativo, pois o homem busca sempre o alcance de novos objectivos de conhecimento e fé. Desde os primórdios, o homem tem vivido e morrido como peregrino.

Isaías 35 oferece ao povo de Deus um cenário de alegria e confiança na intervenção final do Senhor em libertar os Seus. Para os israelitas daquele tempo, cansados de viajar, o pensamento de uma morada estável e o descanso dum lar eterno constituíam apreciada esperança.

Charles H. Strickland / *Superintendente Geral*

Procuremos nós exaltar esta bela expressão antiga e apresentá-la aos cansados peregrinos de nossos dias. Os nossos sonhos culminarão na visão descrita neste capítulo de Isaías. Em contraste com o mundo perverso, então a terra gozará paz, sua beleza perdida será restaurada, suas feridas serão curadas, suas angústias mitigadas e o povo de Deus se encaminhará para o lar celestial.

O versículo 8 é o climax do capítulo: "E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, mas será para aqueles: os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão". Um caminho no deserto! O deserto transformado! Este caminho está limpo—"os remidos andarão por ele". É seguro — "ali não haverá leão". É simples e fácil de aprender — "os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão". Encaminha-nos para o lar — "e os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com júbilo" (v. 10).

A Epístola aos Hebreus recorda que Cristo possibilitou a nossa entrada "pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne" (Hebreus 10:20). □

FIM OU INSTRUMENTO?

—Zilta R. C. Oliveira*

• *Era um curso para elaboradores de Material de Ensino. Envolvia o domínio e a aplicação das técnicas aprendidas. O grupo trabalhava com entusiasmo.*

Uns eram tão fiéis à técnica que na hora de sua aplicação sacrificavam os demais aspectos. Outros sentiam-se tão limitados com a ordem proposta pela técnica que a ignoravam como se não existisse. Certa participante de um dos grupos, ao realizar seu trabalho, ficou tão eufórica com os recursos que a técnica lhe oferecia, que exclamou:

—Excelente! Isto é que é trabalho. Ter uma técnica a nosso serviço, sem nos tornarmos escravos dela!

Eu ouvi a observação e a transferi para o campo espiritual. Pensei na Igreja e nos instrumentos de trabalho que possui. Lembrei-me de um que atinge líderes e obreiros: o relatório.

Igrejas há que rejeitam a ideia de qualquer estatística. Consideram-na sem valor e agem sem relatórios.

Outras são tão escravas dos relatórios que perdem a visão de Deus e fazem qualquer coisa para terem números registrados.

Há ainda quem produza frutos apesar dos relatórios.

Mas o grupo ideal é aquele que põe o relatório a seu serviço. Ele não é um fim ou alvo. É apenas um meio para registrar as bênçãos de Deus, a fidelidade do Pai, a gloriosa oportunidade de um trabalho responsável e dedicado. Também, um instrumento de advertência: urge-nos orar a favor daqueles que ainda não estão registados e dos que foram excluídos.

O relatório não é um fim, mas um recurso, um instrumento a serviço da Igreja. □

*Brasília, Brasil

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX Número 16

15 de Agosto de 1980

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ISAAC ABUNDIS, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.$2.00; número avulso, U.S.$.10. Favor dirigir toda a correspondência à **Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.**

O ARAUTO DA SANTIDADE *(USPS 393-310)* is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A.** Subscription price: U.S.$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

Capa; Buçaco, Portugal
Foto por A. Moreira

• *Dizer que cremos na educação cristã, não é argumento. Coisa diferente, porém, é apresentar razões pelas quais cremos neste tipo de educação.*

Há anos, o Dr. H. Orton Wiley fez uma análise do desenvolvimento da educação na nossa Igreja, desde a sua fundação. Partindo da união dos grupos que formaram a Igreja do Nazareno, desenvolveu a tese de que cada um deles considerava importante a educação cristã. Baseou-se no número de institutos bíblicos e escolas de ensino superior organizados.

Em seguida, tratou da necessidade de prover educação no seio da Igreja e, escreveu: "Se o Senhor tardar em voltar, estamos só no princípio da nossa missão educativa. Assim como a Igreja do Nazareno procura acudir à necessidade de dar ênfase à santidade, também as suas instituições de ensino preservam os ideais espirituais". Quanto mais amplo é o trabalho da Igreja, mais necessidade há de intensificar a tarefa educativa.

A admissão de jovens às nossas instituições de ensino aumenta todos os anos. Maior matrícula haveria, não fosse a escassez de meios económicos. A maioria dos directores das escolas sabe, por experiência, que os recursos são limitados. Se procurarem aumentar o número de salas de aulas, terão ainda de sofrer a falta de livros na biblioteca e a escassez de dormitórios. Trata-se, pois, de finanças e não de matrícula.

As nossas faculdades procuram concretizar os propósitos e ideais da Igreja. Para o conseguir, contam com o apoio da sua zona educacional ou distrital. Este programa tem alcançado êxito. Todos os anos há colectas especiais. Algumas igrejas dão mensalmente. Há distritos com orçamentos destinados à educação e várias igrejas ultrapassaram as suas quotas. Cremos nos nossos institutos e escolas. Por isso os ajudamos.

Cremos que, assim como um barco necessita de mastro e leme para navegar nas águas profundas do oceano; e o carvalho precisa de raizes fundas para resistir ao temporal; também o estudante que ama as letras precisa de estabilidade dum antecedente de cultura espiritual que o prepare para as horas difíceis do futuro. □

—H. T. Reza

Cremos na Educação Cristã

Ministério ENTRE Universitários

—A. E. Ainscough

• Para serem eficientes no seu ministério, tanto o pastor como os crentes devem aceitar as tarefas que competem à Igreja. O futuro desta exige que cuidemos da juventude. Os adultos precisam de preparação para ganhar e conservar os jovens dentro da igreja. Não tratamos aqui de diferençar os estudantes universitários dos outros. Todos têm o mesmo valor e necessidade. No entanto, há certos pontos a considerar para um ministério mais efectivo entre os universitários.

Condições pessoais

Por exposição e circunstâncias, os jovens universitários vivem com mais intensidade e realismo os problemas actuais. São eles que, com o idealismo da juventude, vêem a derrucada de certos ideais da sociedade em que vivem.

Sabem que o homem é o denominador comum dos problemas. Que o mal não reside na sociedade como tal, mas nos indivíduos. Por isso, procuram soluções. Desejam conhecer a verdade e descobrir o propósito da existência humana. Cerram fileiras na hora da luta e estão sempre prontos a captar novidades.

Os universitários, regra geral, ouvem os adultos com atenção. Não gostam de rodeios, grandes conferências ou classes demasiado formais. Preferem diálogos construtivos à base de perguntas e respostas.

Buscam alicerces firmes e estes só se podem encontrar na Palavra de Deus. Cabe-nos apresentá-la com clareza e objectividade. Eles apreciam testemunhos de vidas transformadas pela graça de Deus. Não precisamos de apresentar filosofias ou teologias complicadas para que compreendam o plano da salvação. A sua necessidade espiritual é tão grande e simples como a de qualquer outra pessoa.

Condições pastorais

Primeiramente, interessemo-nos pela salvação dos jovens. Várias denominações deixam esta tarefa a grupos de estudantes cristãos que procuram evangelizar as nossas universidades.

Todavia, como o potencial desses grupos é limitado, devemos colaborar. Eles serão os melhores mensageiros entre os outros estudantes. A alma da juventude universitária está em perigo. Existem fortes barreiras — ambição, drogas, sexo, doutrina política e materialista — que obstam a que os universitários se convertam.

Sejamos comunicativos. Os estudantes desejam conviver com pessoas que conheçam e compartilhem com eles suas inquietudes. Un meio de aproximação é o contacto com universitários filhos de famílias que frequentam a igreja. Constituirão o objecto próximo do diálogo. Eles apresentarão dúvidas com o fim de obterem resposta e solução.

Obreiros e leigos interessados devem actualizar-se e acompanhar os jovens nos seus raciocínios. Não basta visitá-los algumas vezes por ano. É importante dedicar-lhes tempo e interessar-se por suas vidas.

Este será um meio pelo qual chegaremos a ganhar sua atenção e a introduzir a Palavra de Deus — nosso objectivo principal. Recordemos o que diz o Salmista: "Como purificará o mancebo o seu caminho? Observando-o, conforme a tua palavra" (Salmo 119:9). O apóstolo Paulo escreveu: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?" (Romanos 10:14). A Bíblia é o guia que levará universitários a aceitarem Jesus como Salvador.

Qual tem sido a nossa atitude para com os jovens estudantes cristãos?

Procuremos mantê-los activos na igreja e que vejam a sua responsabilidade na obra de Deus. Se o não fizerem quando estudantes, muito menos depois de formados. Há duas categorias de cristãos: os que são úteis no serviço do Senhor e os que ocupam de vez em quando um banco na igreja. A diferença provém, quase sempre, do tempo de estudantes.

Condições do ambiente

Que tem feito a Igreja a favor dos universitários? As actividades, visitas e mensagens do pastor poderão influenciar os jovens. Mas todos os crentes são responsáveis de uma ou otra forma. O ambiente acolhedor não surge espontaneamente. Alguém deve ter a iniciativa e desenvolvê-la.

Sendo naturalmente activos, os universitários não se contentarão com um lugar passivo na igreja. Desejarão ser úteis. Apresentarão dúvidas e sugestões para serem consideradas.

É indispensável que os irmãos da igreja demonstrem aos jovens estudantes amor e compreensão. Que eles vejam algo diferente daquilo que encontram no mundo. Será uma porta aberta para se decidirem por Jesus e se integrarem na comunidade.

Com os olhos no futuro, trabalhemos enquanto é dia e, com a ajuda de Deus, aceitemos o desafio. A tarefa nem sempre será fácil, mas a recompensa é gloriosa. □

O Lar e a Escola Dominical: EQUIPE DE ENSINO

• Que aconteceria se, por qualquer motivo, a Escola Dominical fosse abolida? Certamente, muitos lares ficariam preocupados com a situação espiritual do povo e, sobretudo, dos filhos.

A educação de Jesus até aos doze anos de idade resume-se nestes dois versículos: "E, quando acabaram de cumprir tudo, segundo a lei do Senhor, voltaram à Galileia, para a sua cidade de Nazaré. E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lucas 2:39-40). Nestes versículos há boa informação quanto ao ministério da Escola Dominical.

Lucas indica que Maria e José eram eficientes em cercar Jesus de ambiente propício ao Seu crescimento espiritual.

No tempo de Jesus, a mãe hebreia ocupava lugar importante no lar. Era ela que preparava a comida e a roupa de toda a família, acendia a lâmpada aos sábados e aprontava as coisas para as celebrações religiosas.

Muito antes de qualquer criança frequentar a escola ou a sinagoga local, aprendia em casa as orações, os rituais domésticos, as festividades religiosas e a observância do sábado judeu. Os pais eram os primeiros mestres. Assim aconteceu na vida de Jesus.

Lucas devia ter pensado nisso ao declarar que Maria e José cumpriram "tudo, segundo a lei do Senhor". Tomaram a sério as responsabilidades familiares.

Em II Timóteo 3:14-15, o apóstolo Paulo diz: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido. E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus".

Timóteo recebeu instrução de sua mãe e de sua avó (1:15). Daqui surgiu a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo. Mas começou pelo ensino ministrado no lar.

A família com o apoio e colaboração da Escola Dominical deve ser o centro da educação. Várias congregações procuram estreitar cada vez mais os laços entre o lar e a igreja. Estimulam as famílias a participar num curso de estudo bíblico que complemente as lições da Escola Dominical.

Ofereçamos ao povo o ensino religioso que abarque todas as idades e que exerça influência directa nas famílias. Tal posição não somente as levará a cumprirem suas responsabilidades perante Deus, mas também a reconhecerem o perigo que correm em dar mau exemplo.

Numa conferência sobre crianças, U. Bronfenbrenner disse: "As crianças precisam dos adultos para se incorporarem na sociedade. Esta afirmação baseia-se em estudos científicos e na experiência. A barreira por vezes criada entre as crianças e os adultos ameaça o desenvolvimento normal do indivíduo e a sobrevivência da sociedade. Através da convivência e da comunicação com outros meninos e adultos, as crianças desenvolvem suas aptidões e identidade. Afastá-las do convívio é privá-las da própria humanidade."

Em alguns lares modernos existe uma crise no processo de educação e crescimento dos filhos. O perigo abrange a Igreja e a sociedade. A educação cristã deve facilitar e apoiar a unidade familiar como recurso fundamental do ensino. Deus instituiu o lar muito antes da Igreja. Por isso, ministremos a educação bíblica centralizada na família.

Quando os pais dos meninos que assistem à Escola Dominical não são crentes, o pastor e professores devem ajudá-los de forma especial. Procurarão construir uma ponte de amor e interesse entre as crianças e os membros da família não crentes, com o propósito de os ganhar para Cristo.

O exemplo dado pelas famílias do Velho Testamento, incluindo a de Jesus, é ao mesmo tempo antigo e moderno. Nada melhor se inventou. À medida que unimos o ensino da Escola Dominical com o do lar, mais nos aproximamos do ideal bíblico: a educação religiosa não é preparação mas a própria vida. □

—Paul S. Hontz

PREFERIDAS PARA A ESCOLA DOMINICAL!

Para jovens e adultos:
ALUNOS
Assinatura anual—U.S.$1.00

O CAMINHO DA VERDADE
(Para Professores)
Assinatura anual—U.S.$1.50

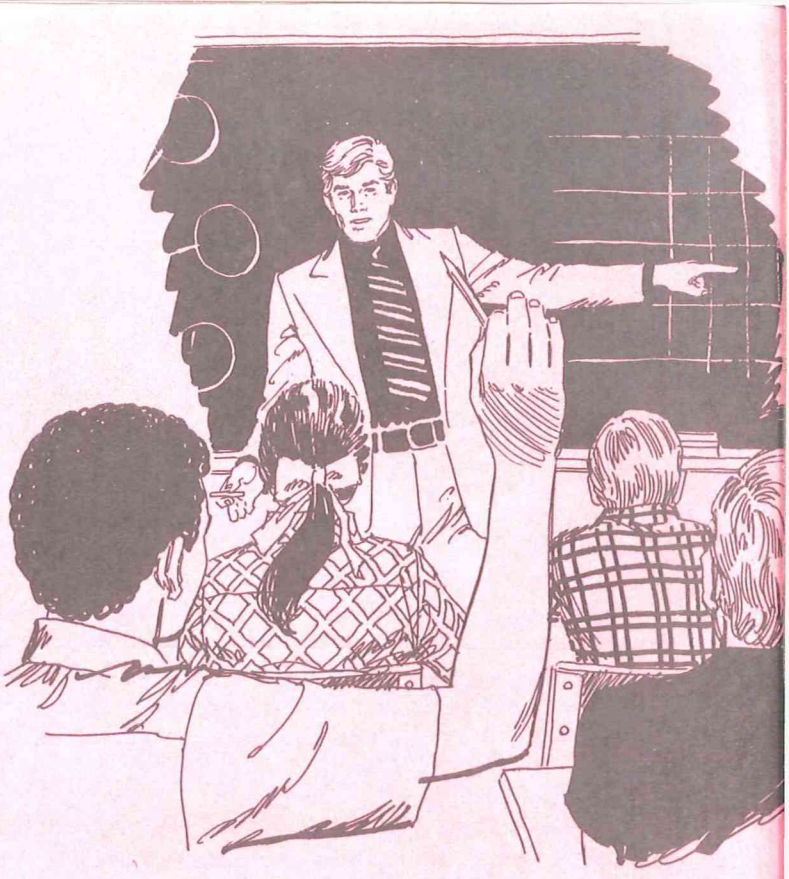
Para crianças:
GOTAS DE OURO

Assinatura anual—U.S.$1.00

JARDIM DE INFÂNCIA
Assinatura anual—U.S.$1.00

Pedidos à
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES
P.O. Box 527, Kansas City,
Missouri 64141 E.U.A.

(ou às nossas Representantes no Brasil, Portugal e Cabo Verde).



• Há duas espécies de educação: para viver e para a vida.

A última é a melhor. Precisamos de fazer algo mais do que viver. Temos de nos relacionar com outras pessoas. E, para o fazer com sabedoria, é imprescindível mais que destreza profissional. Requere-se penetração na natureza, atenção à política e envolvimento com seres humanos.

Para atingir esse alvo, faz falta estudar filosofia, ciências, história, literatura, música e arte. A leitura e o estudo podem ser informais e sem estrutura, mas têm de existir para a vida!

As dimensões humanas da vida são mais importantes do que a habilidade profissional. O médico que goste da cirurgia mas odeie as pessoas, é assassino em potência. O banqueiro que aprecie o dinheiro mas despreze os clientes é defraudador latente. A vida e as riquezas só estão seguras quando as pessoas são consideradas mais importantes que as coisas e o "êxito".

Mas as pessoas não contarão muito se as não compreendermos; e, para isso, temos de estudar a origem e as forças históricas e culturais que influenciaram seu pensamento e atitude. Esse conhecimento exige treinamento adequado nos ramos que, tradicionalmente, chamamos humanidades.

EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Quanto a instrução, a apenas profissional pode degenerar em crueldade. Alguém totalmente absorvido pelo trabalho a ponto de o considerar mais importante, converte-se em simples máquina.

Em dada ocasião, tive oportunidade de ver minha esposa transformar o ambiente pesado do escritório onde trabalhava. As pessoas eram mesquinhas, egoístas e irritadiças. A atmosfera era desagradável e tensa. Sendo hábeis no manejo das máquinas, mostravam falta de perícia nas relações humanas. Sem dar nas vistas e com muita delicadeza, minha esposa conseguiu modificar o ambiente. O escritório converteu-se em lugar sossegado e o trabalho, pois os empregados se tornaram mais compreensivos e humanos.

Estou a falar sobre duas espécies de educação, não de dois tipos de escolas. Você pode receber educação para a vida numa escola vocacional; e, para viver, numa escola de belas-artes. A diferença radica na motivação e interesse — se são as pessoas que mais interessam, ou se é a *minha* carreira, o *meu* salário, o *meu* êxito.

A "carreira ideal" é a daqueles que se educam para a vida, não apenas para viver; a daqueles que se dedicam ao próximo, não a êxitos pessoais. O futuro exaltará o cientista que salvou a vida de crianças; esquecerá aquele que fomentou a guerra bacteriológica.

Até aqui tratei da educação sob o ponto de vista horizontal. Mas a relação mais sublime da vida é com Deus. Quem negue ou ignore esta dimensão da existência humana, carece realmente de preparação para a vida. E o livro texto para a educação "mais elevada" é a Bíblia.

É triste saber como viver, mas desconhecer a forma como estabelecer relações amigáveis e benéficas com os companheiros de trabalho. É trágico possuir destreza técnica e não amar a Deus nem se interessar pelo próximo.

Os evangelhos narram como Jesus expulsou demónios dum homem possesso. Eles entraram numa vara de porcos e precipitaram-se no mar. As pessoas dessa área pediram a Jesus que Se afastasse. Um homem foi salvo, mas perderam-se porcos e dinheiro. Para a gente dessa aldeia os porcos e o dinheiro eram mais importantes do que o homem possesso. Por isso não podiam tolerar a presença do Mestre. Este é um quadro comum da nossa vida moderna!

Procure você educar-se para a vida e não somente para viver. Ter dinheiro e bens materiais não é tão importante como servir a Deus e ajudar o próximo. Ser genuinamente humano é maior empresa do que ter êxito profissional. Somos pessoas, não máquinas. □

—W. E. McCumber

CRISTO NAS ESCOLAS

—Homer Adams

• "Testificar de Cristo" é um alvo elevado. "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim" (João 12:32). Trata-se duma promessa de Jesus. Ele também disse: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16: 15).

Escola é um termo flexível que se aplica a todos os estabelecimentos de ensino. Grande campo missionário para professores e alunos! Os estudantes crentes encontram-se rodeados de oportunidades maravilhosas.

CRISTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Os jovens fiéis a Cristo devem inculcar fé nos outros. Produzem verdadeiro impacto ao reconhecerem o amor de Deus e ao testificarem da Sua ajuda na solução de problemas e demais necessidades. Nas escolas públicas e em lugares de destaque, a juventude cristã tem oportunidade de proclamar Jesus.

Um jogo de futebol está quase a começar. A banda de música executa alguns hinos. Pouco depois, há profundo silêncio no estádio entre os milhares de espectadores. Um jovem aproxima-se do microfone e faz uma oração. Enquanto as palavras de conclusão — "Em nome de Jesus" —ecoam, Cristo é exaltado.

Também os pais exercem influência nas escolas. Quando se opõem ao mal e defendem os bons princípios, contribuem para o bem-estar da sociedade. Porém, o professor cristão desempenha papel preponderante como guia e exemplo dos alunos durante a maior parte do dia.

CRISTO NAS FACULDADES EVANGÉLICAS

Hoje há menos faculdades e colégios evangélicos que outrora. Várias igrejas se têm desligado do ensino superior.

Numa reunião de representantes de faculdades patrocinadas por igrejas, um deles defendeu a hipótese de "ateus" poderem leccionar nas escolas cristãs. Houve votos a favor e contra. Entretanto um ancião, director de faculdade, levantou-se e disse: "Se a bandeira de *Jesus é Senhor* não ondear sobre os colégios cristãos aqui representados, devemos fechá-los ou entregar a outros a sua administração". Quase todos o apoiaram.

Sejamos gratos a Deus pela educação e ambiente cristão das nossas faculdades. Os professores compartilham com os alunos a busca da verdade. Constituem colunas fortes da civilização. Não somente ensinam, mas também inspiram o desejo de superação.

Geralmente, os professores de escolas cristãs vivem com dificuldades económicas. Mas estão dispostos a sacrificar-se pela preparação de jovens que testifiquem de Cristo.

CRISTO NAS UNIVERSIDADES SECULARES

Há milhares de professores e alunos cristãos nas escolas públicas de educação superior. Todos eles têm responsabilidades e oportunidades.

Os jovens estudantes precisam mais de modelos que de críticos. Em certo sentido, a tarefa do professor não é acender uma vela nem queixar-se da escuridão, mas ensinar os alunos a brilhar com a luz.

Depois de vários anos de ensino numa faculdade nazarena, aceitei colocação em universidade secular. Pensei que na classe de História teria de deixar de falar abertamente da minha fé em Cristo. Porém, ao aproximar-se o Natal, quebrei o silêncio. Escrevi uma carta aos meus alunos da Escola Dominical, mas com desejo de a ler também na aula de História. Seria uma forma de falar da encarnação e redenção de Jesus Cristo.

Ao iniciar a primeira aula na universidade, um aluno interrompeu: "Não quero mudar o tema da lição, mas gostaria de saber que importância tiveram nos próximos 500 anos, as personagens históricas de que nos falou". Comecei a escrever no quadro nomes de pessoas famosas do presente e do passado. A classe interessou-se pelo assunto. O mesmo estudante perguntou se o nome de Jesus seria recordado cinco séculos depois, o que ele duvidava.

Abriu-se, assim, a porta que eu esperava. O resto da aula passei-a a responder-lhe. A influência e o impacto de Jesus, o Filho de Deus, foram enormes. Mencionou-se ainda o filósofo e político Maquiavel que negara a sobrevivência do Cristianismo por dar ênfase às virtudes fracas, segundo ele, como o amor, a misericórdia e a humildade. No entanto poucos estudantes o conhecem, ao passo que o nome de Jesus é exaltado por milhões de seguidores.

Nas duas classes seguintes continuei o tema e todos se interessaram. Que grande oportunidade de testificar de Cristo e, ao mesmo tempo, ensinar História! Depois dessa experiência, outros grupos de estudantes me convidaram a falar-lhes de Jesus.

Por vezes, a melhor forma de testificar é deixar que o Espírito de Cristo se manifeste. Alguém disse: "Os teus actos falam tão alto que não deixam ouvir o que dizes". O professor que ama a Deus e ao próximo exerce influência que perdura até a eternidade.

Todos devemos testificar de Cristo. Continuamos a frequentar a escola da vida. Só deixaremos de aprender quando a nossa carreira findar. Repitamos com confiança a oração do marinheiro: "Senhor, o Teu oceano é tão vasto e o meu barco tão pequeno!" □

FÉ ou Emoções

• Um ditado antigo diz: "Ver para crer". Deve remontar à declaração do apóstolo Tomé após a ressurreição de Jesus: "Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei" (João 20:25). Mas na vida cristã não haverá progresso se seguirmos este ditado. É melhor inverter a ordem das palavras: "Crer para ver". Isto é, precisamos de acrescentar acção à fé para haver crescimento espiritual.

A fé é constante; a emoção, variável

Poucas pessoas gostam de matemática. No entanto, usarei os termos próprios desta ciência para ilustrar o que vou dizer: *constante* e *variável*. O primeiro conserva sempre na equação o mesmo valor. O segundo é a grandeza que muda de valor conforme as probabilidades.

No campo espiritual, certos valores da vida são constantes, enquanto outros são variáveis. Desejamos ter constância na certeza e confiança da presença de Deus. Mas varia a intensidade da nossa convicção. A confiança baseia-se na fé; a convicção, nas reacções emocionais.

Elemento constante é a certeza da libertação do pecado. Variável é a magnitude da reacção emotiva resultante. A emoção pode mudar, mas a certeza interior ou testemunho do Espírito de que fomos purificados do pecado, permanece inalterável.

Frequentemente o crente procura "medir as suas pulsações espirituais" baseando-se na intensidade das emoções religiosas. Entretanto, a única base segura é reconhecer que vive por fé e não por emoções.

Os valores constantes devem ser estabelecidos de uma vez para sempre, sem necessidade de o fazer periodicamente. A verdade e convicção da purificação dos pecados são valores "constantes" que não carecem de investigação subsequente.

Fé e emoções: factores da experiência cristã

O homem é um ser emotivo. Por isso, é admissível no campo religioso certa dose de emoção. Se o crente mantiver comunhão com Deus, receberá certamente bênçãos que o cumularão de alegria. Este é elemento fundamental, constante e seguro.

Na relação conjugal, por exemplo, o grau de emoção varia de intensidade com o tempo, mas isso não deve alterar o matrimónio. Cada cônjuge sabe que se comprometeu a cumprir votos e promessas "até a morte os separar". Esta é a constante que não varia.

O mesmo acontece quanto à relação com o Senhor. A *nossa parte* consiste em obedecer; a *d'Ele*, em dar-nos bênçãos. Podemos, pois, afirmar: "Estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito, até àquele dia" (II Timóteo 1:12).

O Senhor dá sempre o melhor

Recordo os primeiros anos da minha vida cristã, quando eu lutava por causa das emoções. Repetia: "Há algo em mim que não está bem, pois não experimento a mesma emoção que senti quando no altar me entreguei ao Senhor. Certamente ofendi ou entristeci o Espírito Santo". Nessa altura assisti a uma convenção da sociedade de jovens. Na reunião de domingo o orador apresentou uma ilustração que me ajudou a resolver o problema.

Ele contou que seus pais viviam numa casa de campo com acesso por um caminho poeirento. A única oportunidade que tinha de os visitar era no verão. Como ia a pé chegava cansado e sedento. O pai sempre lhe oferecia água fresca e ele aceitava com prazer.

O pai encaminhava-se para o poço, tirava água com um balde e derramava-a no chão. Não que ela tivesse veneno, mas porque esperava pelo segundo ou terceiro balde para oferecer ao filho água mais fresca.

Quando acabou, eu apliquei-a imediatamente ao meu caso. Aparentemente, o Senhor estava a esvaziar o meu coração para algo melhor. Mas eu, equivocado, pensava que devia recomeçar na vida cristã.

—Mendell Taylor

Foto por Elden Rawlings

Então confessei ao Senhor: "Pai, se esta é a forma como operas, manter-me-ei firme na fé e confiança de que os meus pecados foram perdoados por Teu Filho, Jesus Cristo. Estou certo que tudo correrá bem andando eu a Teu lado. Confiarei plenamente, apesar do grau de intensidade emocional. Que bom viver por fé e não por emoções!"

E, você, vive por fé ou ainda se deixa levar pelas emoções? Procure andar com o Senhor e levar o jugo com os olhos no céu. Verificará que o jugo do Senhor é suave e o Seu fardo leve (Mateus 11:30). □

A PLENITUDE DO ESPÍRITO

• *A minha família preparava-se com entusiasmo para um passeio.*

O barco fora inspeccionado e reparado. Os depósitos de óleo e gasolina estavam cheios. Partimos depois de o capitão ter apitado. Assim começou a nossa aventura rumo ao mar alto.

No momento em que deixávamos o porto, o capitão doutro barco fez sinal de que o nosso vertia óleo.

Depois da decepção, compreendemos o que nos teria acontecido no mar se não fosse a misericórdia de Deus. Na hipótese de alguma tempestade, possivelmente teríamos naufragado.

Investigações posteriores revelaram que o mecânico do porto que reparara o barco para a excursão, não abrira a válvula que permitia a passagem do óleo dum depósito para o outro. A pressão excessiva provocara a avaria.

Este acontecimento fez-me lembrar a parábola das dez virgens. As loucas não levaram nas suas lâmpadas óleo suficiente para as bodas: "Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro" (Mateus 25:6).

Então recorreram às prudentes: "Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam" (v. 8). Mas elas recusaram com receio de que lhes viesse também a faltar. Cada qual devia ter óleo de reserva suficiente.

Advertência oportuna para os cristãos: Estejamos preparados para ir ao encontro do Senhor! "Vigiai pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir" (Mateus 25:13).

O óleo é o símbolo do Espírito Santo. Quando falta na vida do crente, este "perde" a experiência com Cristo.

Enquanto duas senhoras caminhavam juntas falando da sua experiência cristã, uma disse à outra: "Você precisa da plenitude do Espírito Santo".

"É possível", respondeu ela. "Mas eu não gosto de me distanciar do grupo; prefiro servir a Deus com a multidão."

Várias pessoas perdem-se em generalizações, mas o Espírito Santo actua sempre de forma definida e particular.

Samuel L. Brengle, homem cheio do Espírito Santo, contou como um oficial do Exército de Salvação deixara de testificar do poder de Deus na sua vida. Enquanto viajavam os dois, esse oficial que ia pregar naquele noite, falou de tudo sem tocar em temas espirituais.

Ao terminar o culto, Brengle disse-lhe: "Você perdeu o poder de Cristo. Pregou sobre um assunto sem interesse e não se notou na sua mensagem a presença do Espírito Santo".

No entanto, J. Caughey orava sempre de joelhos antes de pregar e o poder de Deus dominava de tal forma a sua vida, que quantos o ouviam eram tocados pelo Espírito.

O descuido da leitura da Bíblia e a falta de oração e de assistência aos cultos afastam-nos de Deus e aproximam-nos do mundo. Com o tempo até a "lâmpada espiritual" se apaga. Tenhamos cuidado e procuremos quanto antes a plenitude do Espírito Santo.

"Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito" (Efésios 5:17-18). □

—E. E. Wordsworth

—Lewis Brevard

• Há quem diga que a educação não pode ser totalmente livre, aberta e humanística quando segue método cristão. Aqueles que assim pensam, concebem a fé cristã como impedimento sectário ao estudo livre.

"Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?" (I Coríntios 1:20). A tensão define, por vezes, as relações entre teólogos, filósofos, educadores, cientistas e literários.

A despeito de algumas vozes contrárias, é possível e válido empregar-se no ensino o método cristão.

O Novo Testamento afirma que a aprendizagem pode, em certas circunstâncias, obstruir o caminho da fé pessoal em Cristo. "Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo" (II Coríntios 10:5). Em Filipenses 4:8, Paulo declara: "Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai".

Tanto nos diálogos de Cristo com os adversários, como no ministério de Seus discípulos, vemos duas espécies de conhecimento — o da revelação divina que ilumina, interpreta e, às vezes, corrige; e o da sabedoria puramente humana.

Não é a educação em si que preocupa, mas a instrução *moderna* que parece afastada das coisas divinas. Foca apenas o aspecto humano, limitando a compreensão da verdade. Nega a existência do absoluto e desenvolve a teoria da relatividade.

A educação cristã tem sentido o impacto das teorias modernas. O que antes era considerado como doutrina infalível e absoluta, adquiriu interpretação moderada. Novos métodos de ensino das verdades bíblicas substituíram o espírito de compromisso entre os crentes e incrementaram a fé. Abriram as portas a uma filosofia sã e mostraram a necessidade de escolas que apresentem o verdadeiro aspecto da educação bíblica.

Num estabelecimento de ensino cristão o aluno deve procurar "a verdade", que se encontra na Palavra de Deus. "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (II Timóteo 2:15).

Para consolar o povo de Israel, Isaías disse: "Aquele que se bendisser na terra será bendito no Deus da verdade; e, aquele que jurar na terra jurará pelo Deus da verdade; porque já estão esquecidas as angústias passadas, e estão encobertas diante dos meus olhos" (Isaías 65:16).

No hebraico as palavras "Deus da verdade" significavam "Deus do Amém"; e inferem cuidar, edificar. Na nossa língua aludem a algo estável, edificado, seguro, positivo, absoluto, imutável.

Ao falar do amor e da plenitude de inteligência, para o conhecimento do mistério de Deus — Cristo —, o apóstolo Paulo declarou: "Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Colossenses 2:2-3). Jesus Cristo é o Alfa e o Omega. Toda a verdade tem n'Ele princípio e fim, tanto nas artes liberais como na educação cristã. □

A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Foto de Kellner Photo Services

O Dom de Misericórdia

—Neil E. Hightower

• *As pessoas a quem o Espírito Santo concedeu o dom de misericórdia são bênção preciosa. O exercício deste dom na família da fé venda as feridas da crítica e as chagas da inveja. O apóstolo Paulo colocou a misericórdia entre os dons do Espírito que Deus, na Sua infinita sabedoria, outorgou aos membros do corpo de Cristo (Romanos 12:18).*

Na Igreja, os primeiros socorros espirituais são importantes. Os crentes às vezes magoam-se uns aos outros. Os que possuem o dom de misericórdia fazem de médicos e enfermeiras da comunidade cristã. Vão aos descampados destruir as armadilhas de Satanás para soltar as almas que se encontram seduzidas por ele. Penetram até ao mais profundo da incompreensão e reanimam os inconscientes do veneno da luta carnal e da amargura.

Graças a Deus por quantos cumprem voluntariamente este serviço. Não esperam por oportunidades extraordinárias para mostrarem misericórdia, mas estão sempre prontos a buscar com interesse aqueles que sofrem tanto na Igreja como no mundo. Repetem, constantemente, os seus actos de bondade e ternura, ajudados pelo Espírito Santo. Desenvolvem a visão da alma para poderem dissipar as trevas da adversidade humana. Possuem radar espiritual para detectar os irmãos feridos na berma do caminho ou detidos no lodaçal do desespero.

Na Bíblia aparecem mencionados dois homens com visão de misericórdia: Jó e Hobabe. Em Jó 2:15-16 lemos: "Eu (Jó) era o olho do cego, e os pés do coxo; dos necessitados era pai, e as causas de que eu não tinha conhecimento inquiria com diligência". Este homem recto tinha olhos para ver as necessidades da sua comunidade e expressava-o de forma concreta. Sem se preocupar com as causas da desgraça, investigava e aplicava o remédio adequado.

Em Números 10:29-32 surge Hobabe, sogro de Moisés. Visitou o povo de Deus numa época em que as bênçãos divinas eram abundantes.

Quando Deus indicou que era tempo de prosseguir caminho, Moisés convidou Hobabe a juntar-se-lhes. Porém ele rejeitou. Não sentia desejo de os acompanhar.

Mas Moisés insistiu: "Ora não nos deixes; porque tu sabes que nós nos alojamos no deserto; de olhos nos servirás" (Números 10:31). Então ele sentiu-se animado. Deus dera-lhe olhos de misericórdia para ajudar Seu povo e para descobrir os locais de perigo. Estava familiarizado com o deserto. Sabia como encontrar os melhores caminhos. Por isso ficou radiante com a missão de ser "olhos". Concordou em dirigir o povo de Deus com os olhos do entendimento (Efésios 1:18). Podia prever possíveis obstáculos ou ataques de inimigos. A alegria que sentiu na sua missão constituiu boa recompensa.

Deus ainda hoje continua a providenciar servos humildes e misericordiosos que, sem ostentação, realizam a excelente tarefa de serem "olhos". São joias de bênção para quantos os rodeiam. □

• Aqui estou, Senhor, depois dum domingo cheio de actividades religiosas!

Não posso fechar os olhos nem os ouvidos ao que tenho presenciado na Escola Dominical todos os domingos: meninos tristes, com corações quebrados e mentes obstruídas.

Alguns não têm a menor ideia do que seja a Bíblia. Outros confundem os relatos bíblicos ou se perdem em pensamentos vagos.

Há ainda aqueles que caem nas mãos de professores e dirigentes sem paciência nem vocação para ensinarem a Tua verdade.

Recordo, em especial, certo menino atrasado mental. Não havia lugar para ele nas diferentes classes. Ninguém dispunha de tempo ou paciência para se dedicar a ensinar-lhe a luz da verdade. A corrida da vida moderna rouba-nos a virtude da paciência e torna-nos insensíveis à dor alheia.

Senhor, obrigada por seres o meu Mestre.

Obrigada, porque não és exigente quanto a programas especiais ou projectos de "denominação".

Em Ti encontro alívio para as pressões da vida; força para a fraqueza; sabedoria para a incompetência e falta de compreensão; amor para quando sou tentada a odiar, a ser impaciente e a alterar a voz.

Senhor, ensina-me como ministrar a Tua doutrina seguindo os Teus métodos!

Tu falas-me com ternura e sabedoria infinita. Sei que podes inculcar nos meus alunos, amor e compreensão da Tua verdade.

As Tuas tarefas são lógicas e ao alcance das nossas possibilidades (I Coríntios 10:13). Temos tempo suficiente para as estudar e realizar.

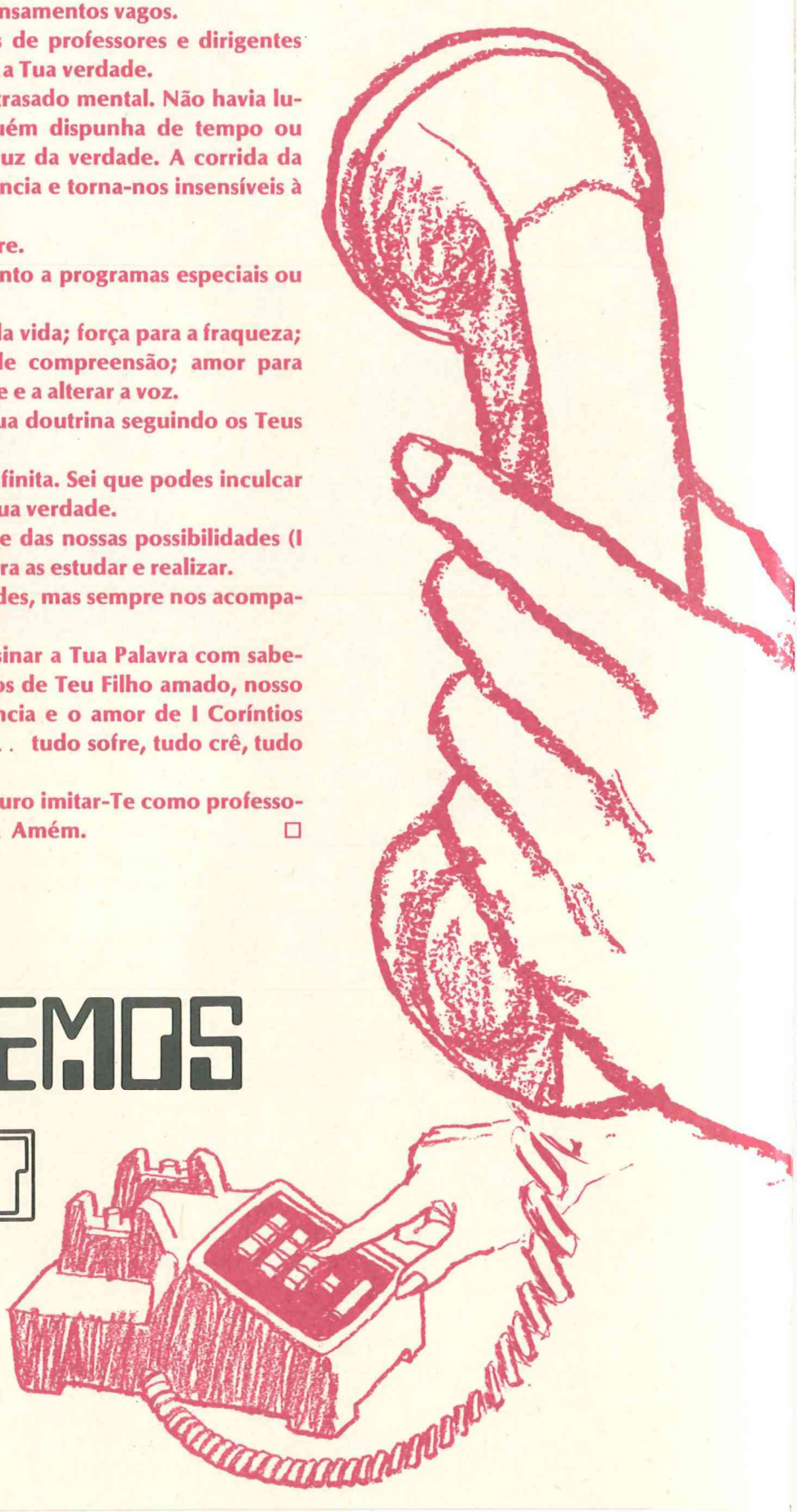
Ao findar a classe, Tu nunca nos despedes, mas sempre nos acompanhas, cuidas de nós e nos proteges.

Senhor, Mestre divino, ajuda-me a ensinar a Tua Palavra com sabedoria "do alto", com a técnica e os métodos de Teu Filho amado, nosso Senhor Jesus Cristo. Concede-me a paciência e o amor de I Coríntios 13:4, 7 — "O amor é sofredor; é benigno... tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

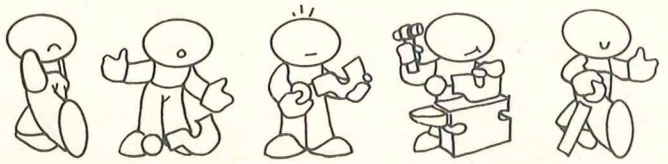
Ajuda-me a ser boa aluna quando procuro imitar-Te como professora. O meu desejo é continuar a aprender... Amém. □

SENHORA; DIALOGUEMOS UM POUCO

—Bonnie Monson



PERGUNTAS E RESPOSTAS



Tenho certa confusão sobre: (1) Crê a Igreja do Nazareno que não devemos consultar o médico quando estamos doentes? (2) Crê ela na inspiração divina da Bíblia? Onde se encontram no Manual as declarações referentes a este assunto?

A declaração acerca da cura divina acha-se no Manual (Artigos de Fé, XV, 21): "Cremos na doutrina bíblica da cura divina e incitamos o nosso povo a procurar oferecer a oração da fé para a cura dos doentes. Os meios e agências providenciais, quando julgados necessários, não devem ser recusados".

Nos meios e agências providenciais estão incluídos médicos, medicamentos, operações, hospitais e tratamentos. Estes devem usar-se "quando julgados necessários". Nem toda a oração para obter a cura é respondida imediatamente. Deus pode curar directamente e fá-lo. Porém, a maioria das vezes, usa Seus servos, os médicos. Alguns dos nossos irmãos nazarenos são médicos e enfermeiras em diferentes partes do mundo. Alegramo-nos que Deus opere por meio de suas aptidões para aliviar os enfermos.

A declaração quanto à Bíblia encontra-se no Manual (Artigos de Fé, IV, 4): "Cremos na inspiração plena das Escrituras Sagradas, pelas quais entendemos os sessenta e seis livros do Velho e Novo Testamentos, dados por inspiração divina, revelando sem erros a vontade de Deus a nosso respeito em tudo que é necessário à nossa salvação, de maneira que o que não se encontra nelas não pode ser imposto como artigo de fé". Cremos que "toda a Escritura é divinamente inspirada" como instrumento para salvação do pecado e serviço a Cristo (II Timóteo 3:16).

Explique-me, por favor, Hebreus 4: 9-10. A que repouso se refere?

É provável que este repouso se relacione com alguma profecia da vida futura. Mas a passagem parecerá obscura, se opinarmos que trata do repouso após esta vida. É verdade que existe um repouso desta natureza, mas não neste versículo.

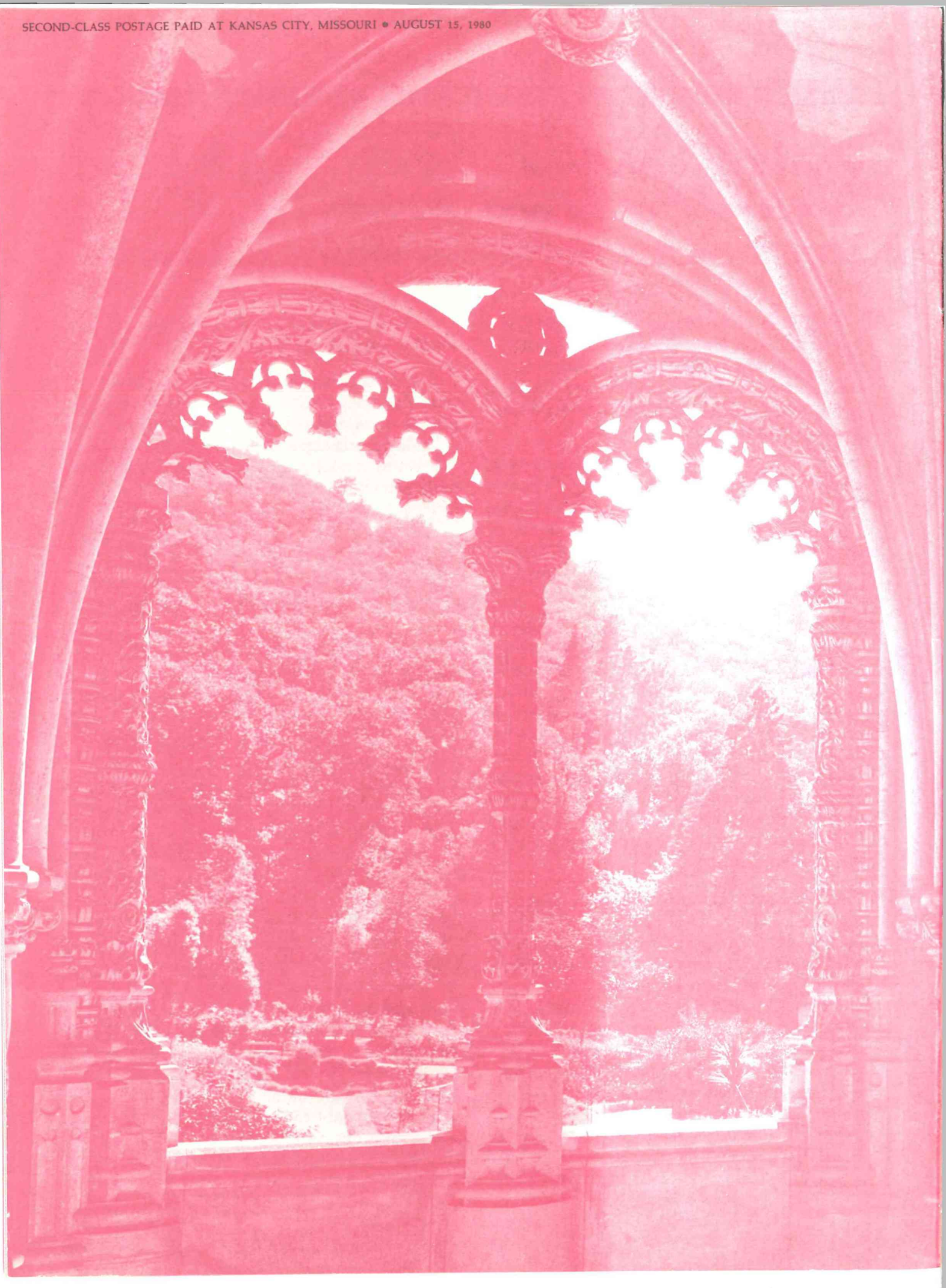
A fé, não a morte, é a porta de entrada no repouso de Cristo. O autor da Epístola aos Hebreus procura mostrar a superioridade de Cristo sobre Moisés, e do Cristianismo sobre o Judaísmo. A lei antiga prometeu um repouso que nunca chegou.

Mesmo depois dos israelitas possuírem a terra prometida, continuaram à espera do repouso (v. 8). Por isso, não se tratava da terra de Canaã.

O repouso de que fala a passagem bíblica mencionada é o repouso de Deus, o sabático. Em 4:10 lemos: "Porque, aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou das suas obras, como Deus das suas".

"Naquele repouso" (v. 11), é o repouso do Pai no Filho e do Filho no Pai; uma comunhão maravilhosa e modelo perfeito para a nossa vida. O repouso é a quietude e o segredo da intimidade com Deus.

O Novo Testamento ensina que devemos ser como Cristo, conhecendo o Seu repouso. Desfrutamos de paz com um único objectivo: amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o entendimento (Lucas 10:27). É repouso da culpa, da luta pela justiça e da ansiedade do temor... repouso dos problemas da vida.

As condições para tal repouso são absolutas: confiança e obediência a Deus. □

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI • AUGUST 15, 1980